

J. M. Coetzee
∞
A INFÂNCIA DE JESUS

Romance

Tradução de
J. Teixeira de Aguiar



∞
Capítulo 1

O homem que está ao portão faz-lhes sinal na direção de um edifício baixo e alongado a meia distância.

– Se se apressarem – diz – podem registrar-se antes de eles fecharem por hoje.

Eles apressam-se. *Centro de Reubicación Novilla*, diz a tabuleta. *Reubicación*: que quer aquilo dizer? Não é uma palavra que ele tenha aprendido.

O gabinete é amplo e está vazio. Quente, também, mais quente até do que o exterior. No extremo mais afastado há um balcão a toda a largura da sala, dividido por chapas de vidro fosco. Encostada à parede há uma série de gavetas de arquivo de madeira envernizada.

Suspensão por cima de uma das divisórias há um letreiro: *Recién Llegados*, com as palavras estampadas a preto num retângulo de cartão. A funcionária atrás do balcão, uma mulher jovem, saúda-o com um sorriso.

– Bom dia – diz ele. – Somos recém-chegados. – Articula as palavras com lentidão, no espanhol que com dificuldade aprendeu a dominar. – Estou à procura de emprego e também dum sítio onde morar. – Pega no rapaz por baixo das axilas e levanta-o para que ela possa vê-lo como deve ser. – Tenho uma criança comigo.

A rapariga estende a mão para a dar ao rapaz.

– Viva, miúdo! – diz ela. – É seu neto?

– Não é meu neto nem é meu filho, mas sou responsável por ele.

– Um sítio onde morar. – Ela deita uma olhadela aos papéis.

– Temos um quarto vago aqui no Centro que pode usar enquanto procura coisa melhor. Não é luxuoso, mas talvez não se importe com isso. Quanto a emprego, exploraremos isso amanhã de manhã: parece cansado, tenho a certeza de que quer descansar. A viagem foi longa?

– Passámos a semana inteira na estrada. Viemos de Belstar, do acampamento. Conhece bem Belstar?

– Conheço Belstar, sim. Eu também vim por Belstar. Foi lá que aprendeu o espanhol?

– Tivemos aulas todos os dias durante seis semanas.

– Seis semanas? Eu estive três meses em Belstar. Ia morrendo de tédio. A única coisa que me valeu foram as aulas de Espanhol. Tiveram por acaso a señora Piñera como professora?

– Não, tivemos um professor. – Hesita. – Posso levantar outro assunto? O meu rapaz – deita um olhar ao miúdo – não está bem. Em parte é porque está transtornado, confuso e transtornado, e não tem comido como deve ser. Estranhou a comida do acampamento, não gostava dela. Há algum sítio onde possamos tomar uma refeição como deve ser?

– Que idade tem ele?

– Cinco anos. Foi a idade que lhe deram.

– E diz o senhor que não é seu neto.

– Não é meu neto nem meu filho. Não temos nenhum parentesco. Tome – tira duas cadernetas do bolso e estende-lhas.

Ela examina as cadernetas.

– Foram emitidas em Belstar?

– Foram. Foi onde eles nos deram os nossos nomes, os nossos nomes espanhóis.

Ela debruça-se sobre o balcão.

– David: é um bonito nome – diz. – Gostas do teu nome, miúdo?

O rapaz olha diretamente para ela mas não responde. Que vê ela? Um miúdo magro e pálido, de casaco de lã abotoado até ao pescoço, calções cinzentos a tapar os joelhos, botas pretas de atacadores por cima de umas meias de lã e um boné de fazenda à banda.

– Não achas essa roupa muito quente? Queres tirar o casaco?

O rapaz abana a cabeça.

Ele intervém.

– A roupa é de Belstar. Foi ele próprio que a escolheu, da que eles tinham disponível. Afeioou-se muito a ela.

– Compreendo. Fiz a pergunta porque ele parecia estar com roupa um bocadinho quente de mais para um dia como o de hoje. Deixe-me dar-lhe uma informação: temos um depósito aqui no Centro onde as pessoas doam roupa que deixou de servir aos filhos. Aos dias de semana está aberto todas as manhãs. Se quiser, pode servir-se. Vai encontrar mais variedade do que em Belstar.

– Obrigado.

– Além disso, depois de preencherem todos os impressos, pode levantar dinheiro com a sua caderneta. Tem um subsídio de instalação de quatrocentos reais. O rapaz também. Quatrocentos cada um.

– Obrigado.

– Agora deixe-me mostrar-lhe o quarto. – Debruça-se e susurra qualquer coisa à mulher que está no balcão ao lado, o balcão assinalado *Trabajos*. A mulher abre uma gaveta, esquadrinha-a e abana a cabeça.

– Um pequeno engulho – diz a rapariga. – Parece que não temos a chave do vosso quarto. Deve ser a encarregada do edifício que a tem. O nome da encarregada é señora Weiss. Vá ao Edifício C.

Eu faço-lhe um mapa. Quando encontrar a señora Weiss, peça-lhe para lhe dar a chave do C-55. Diga-lhe que vai da parte da Ana, dos serviços centrais.

– Não seria mais fácil dar-nos outro quarto?

– Infelizmente o C-55 é o único quarto vago.

– E comida?

– Comida?

– Sim. Há algum sítio onde possamos comer?

– Fale também com a señora Weiss. Ela deve poder ajudar-vos.

– Obrigado. Uma última pergunta: há aqui organizações especializadas em reunir pessoas?

– Reunir pessoas?

– Sim. Com certeza há de haver muitas pessoas à procura de familiares. Há organizações que ajudem a reunir famílias? Famílias, amigos, amantes?

– Não, nunca ouvi falar de uma organização dessas.

Já porque está cansado e desorientado, já porque o mapa que a rapariga lhe traçou não é claro, já porque não há tabuletas, leva muito tempo a encontrar o Edifício C e o gabinete da señora Weiss. A porta está fechada. Bate. Não há resposta.

Detém uma transeunte, uma mulher miúda com um rosto afilado de rato, que enverga o uniforme cor de chocolate do Centro.

– Procuo a señora Weiss – anuncia.

– Não está – responde a jovem mulher e, como ele não percebe: – Está de folga. Volte amanhã de manhã.

– Então talvez nos possa ajudar. Andamos à procura da chave do quarto C-55.

A jovem mulher abana a cabeça.

– Desculpe, mas eu não trato de chaves.

Regressam ao Centro de Reubicación. A porta está fechada à chave. Ele bate levemente no vidro. Não há sinal de vida lá dentro. Volta a bater.

– Tenho sede – choraminga o rapaz.

– Aguenta só mais um bocadinho – diz ele. – Vou à procura duma torneira.

A rapariga, Ana, aparece-lhe ao contornar o flanco do edifício.

– Estava a bater? – pergunta. Ele fica mais uma vez impressionado: com a sua juventude, com a saúde e frescura que se afigura irradiarem dela.

– Parece que a señora Weiss foi para casa – diz ele. – Não há nada que possa fazer? Não tem uma... como é que vocês lhe chamam... uma *llave universal* para abrir o nosso quarto?

– *Llave maestra*. *Llave universal* é uma coisa que não existe. Se tivéssemos uma *llave universal* todos os nossos problemas se acabariam. Não, a señora Weiss é a única que tem uma *llave maestra* do Edifício C. Não tem porventura um amigo que vos possa dar guarida esta noite? Amanhã de manhã pode voltar e falar com a señora Weiss.

– Um amigo que nos possa dar guarida? Chegámos a estas paragens há seis semanas e desde então temos estado a viver numa tenda, num acampamento no deserto. Como é que espera que tenhamos amigos que nos deem guarida?

Ana franze o sobrolho.

– Vão até ao portão principal – ordena. – Esperem por mim do lado de fora do portão. Vou ver o que posso fazer.

Transpõem o portão, atravessam a rua e sentam-se à sombra de uma árvore. O rapaz aninha a cabeça no ombro dele.

– Tenho sede – queixa-se. – Quando é que vais encontrar uma torneira?

– Chiu – torna ele. – Escuta os pássaros.

Ouvem a estranha canção dos pássaros e sentem o estranho vento na pele.

Ana aparece. Ele levanta-se e acena. O rapaz põe-se também de pé, com os braços rigidamente caídos ao longo do corpo e os polegares enclavinhados nos punhos.

– Trouxe água para o seu filho – diz ela. – Toma, David, bebe. O rapaz bebe e devolve-lhe o copo. Ela mete-o na mala.

– Foi bom? – pergunta.

– Foi.

– Ótimo. Agora sigam-me. É uma boa caminhada, mas podem encará-la como exercício.

Velozmente, ela vai percorrendo o carreiro que atravessa o parque urbano. Uma jovem atraente, é inegável, embora a roupa que traz não lhe fique lá muito bem: uma informe saia escura, uma blusa branca justa ao pescoço e sapatos rasos.

Sozinho talvez pudesse acompanhar-lhe a passada, mas com o miúdo nos braços não consegue. Exclama:

– Por favor... Tão depressa não!

Ela ignora-o. A uma distância cada vez maior, ele segue-a pelo parque fora, atravessando uma rua e atravessando uma segunda rua.

Diante de uma casa acanhada e de aspeto modesto, ela para e aguarda.

– É a minha casa – diz. – Abre a porta da entrada. – Sigam-me.

Condu-los por um corredor sombrio, cruzando uma porta das traseiras e descendo umas periclitantes escadas de madeira, até chegar a um pequeno quintal invadido pela relva e pelas ervas daninhas, cercado em dois lados com uma vedação de madeira e no terceiro com rede de arame.

– Sentem-se – diz ela, indicando uma ferrugenta cadeira de ferro fundido meio coberta de relva. – Vou buscar-vos qualquer coisa de comer.

Não lhe apetece sentar-se. Ele e o rapaz esperam junto da porta.

A rapariga reaparece com um prato e um jarro. O jarro contém água. O prato contém quatro fatias de pão barrado de margarina. Foi exatamente o que lhes deram ao pequeno-almoço no posto de beneficência.

– Como recém-chegado é-lhe exigido que more em residência aprovada, ou então no Centro – informa ela. – Mas não tem mal passar a primeira noite aqui. Uma vez que eu trabalho no Centro, tem a possibilidade de alegar que a minha casa se pode considerar residência aprovada.

– É muito simpático da sua parte, muito generoso – observa ele.

– Há algumas sobras de materiais de construção naquele canto. – Aponta para lá. – Pode construir um abrigo, se quiser. Posso deixá-lo a tratar disso?

Ele fica a olhar para ela, estupefacto.

– Não estou a perceber lá muito bem – diz. – Onde é que vamos mesmo passar a noite?

– Aqui. – Ela indica o quintal. – Eu volto daqui a pouco para ver como é que se está a sair.

Os materiais de construção em causa são meia dúzia de chapas de aço galvanizado, esburacadas aqui e além, da ferrugem – um antigo telhado, sem dúvida – e restos de madeira. Será um teste? Pretenderá mesmo ela que ele e o miúdo durmam ao relento? Espera pelo prometido regresso, mas ela não vem. Experimenta a porta das traseiras: está fechada à chave. Bate; não há resposta.

O que se passa? Estará ela atrás das cortinas, a ver como ele reagirá?

Não são prisioneiros. Seria fácil escalar a vedação de rede de arame e fugir. É isso que devem fazer? Ou deve ele esperar para ver o que acontecerá a seguir?

Espera. Quando ela reaparece o Sol está a pôr-se.

– Não fez grande coisa – comenta ela, franzindo o cenho. – Tome. – Estende-lhe uma garrafa de água, uma toalha de rosto e um rolo de papel higiénico; e, quando ele olha interrogativamente para ela: – Ninguém o verá.

– Mudei de ideias – diz ele. – Vamos voltar para o Centro. Deve haver uma hospedaria onde possamos passar a noite.

– Não pode fazer isso. Os portões do Centro estão fechados. Fecham às seis.

Exasperado, ele caminha a passos largos até à pilha de chapas de telhado, puxa duas e encosta-as inclinadas à cerca de madeira. Faz o mesmo com a terceira e a quarta chapas, construindo um grosseiro alpendre.

– É isto que tem em mente para nós? – pergunta, voltando-se para ela. Mas ela já ali não está. – É aqui que vamos dormir esta noite – diz ao rapaz. – Vai ser uma aventura.

– Tenho fome – torna o rapaz.

– Não comeste o teu pão.

– Eu não gosto de pão.

– Bom, terás de te habituar a ele, porque é tudo o que há. Amanhã encontraremos alguma coisa melhor.

Desconfiadamente, o rapaz pega numa fatia de pão e mordisca-a. Ele repara que tem as unhas pretas, de terra.

Quando a derradeira luz do dia esmorece, instalam-se no seu abrigo, ele numa cama de ervas e o rapaz na curva do seu braço. Não tarda que o rapaz adormeça, com o dedo na boca. No caso dele o sono tarda a chegar. Não tem casaco; daí a pouco o frio começa a infiltrar-se-lhe no corpo; principia a tremer.

Não é grave, é apenas frio, não te vai matar, diz de si para si. A noite há de passar, o Sol nascerá e o dia virá. Oxalá é que não haja insetos rastejantes. Insetos rastejantes seria de mais.

Adormece.

Acorda de madrugada, entorpecido, dorido de frio. A raiva cresce dentro dele. Porquê este despropositado tormento? Ras-teja para fora do abrigo, tateia o caminho até à porta das traseiras e bate, primeiro discretamente e depois mais alto.

Abre-se uma janela em cima; ao luar consegue distinguir tenuemente o rosto da rapariga.

– Sim? – pergunta ela. – Há algum problema?

– Há uma data de problemas – responde ele. – Cá fora está frio.

Deixa-nos entrar em casa, se faz favor?

Há uma demorada pausa. E depois:

– Espere – diz ela.

Ele espera.

– Tome – diz a voz dela.

Cai um objeto aos seus pés: um cobertor, não muito comprido, de tecido grosseiro, a cheirar a cânfora.

– Porque é que nos trata assim? – exclama ele. – Com desprezo?

A janela fecha-se com um ruído surdo.

Ele rasteja de volta ao abrigo e embrulha-se a si e ao rapaz adormecido no cobertor.

É acordado pelo clamor do canto de pássaros. O rapaz, ainda profundamente adormecido, está deitado de costas para ele, com o boné debaixo da face. A roupa dele está molhada, do orvalho. Volta a dormir. Quando torna a abrir os olhos a rapariga fita-o de cima.

– Bom dia – diz ela. – Trouxe-lhe pequeno-almoço. Tenho de sair daqui a pouco. Quando estiverem prontos deixo-os sair.

– Deixa-nos sair?

– Deixo-os sair pela casa. Despache-se, por favor. Não se esqueça de trazer o cobertor e a toalha.

Ele acorda o miúdo.

– Anda – diz –, está na hora de acordar. Está na hora do pequeno-almoço.

Urinam lado a lado a um canto do quintal.

O pequeno-almoço vem a ser mais pão e água. O miúdo torce o nariz; ele também não tem fome. Deixa o tabuleiro intacto no degrau.

– Estamos prontos para ir – exclama.

A rapariga condu-los pela casa dentro até à rua deserta.

– Adeus – diz. – Podem voltar esta noite, se precisarem.

– E o quarto que prometeu no Centro?

– Se não se encontrar a chave, ou o quarto tiver sido entretanto ocupado, podem tornar a dormir aqui. Adeus.

– Só um momento. Pode dispensar-nos algum dinheiro? – Até agora não teve de pedir, mas não sabe a quem mais há de recorrer.

– Eu disse que o ajudaria, não disse que lhe facultaria dinheiro. Para isso terá de ir aos serviços da Assistência Social. Pode apanhar um autocarro para a cidade. Não se esqueça de levar a sua caderneta e o seu atestado de residência. Nessa altura pode levantar o seu subsídio de reinserção. Em alternativa pode arranjar emprego e pedir um adiantamento. Esta manhã eu não vou estar no Centro, tenho reuniões, mas se lá for e lhes disser que está à procura de emprego e quer *un vale*, eles perceberão o que quer dizer. *Un vale*. Agora tenho mesmo de me despachar.

Acontece que ele e o rapaz se enganam no carreiro através do parque deserto; quando chegam ao Centro o Sol já vai alto. Atrás do balcão *Trabajos* está uma mulher de meia-idade, de rosto severo e cabelo puxado para trás por cima das orelhas e bem preso na nuca.

– Bom dia – diz ele. – Registámo-nos ontem. Somos recém-chegados e eu ando à procura de emprego. Segundo me disseram, a senhora pode dar-me *un vale*.

– *Vale de trabajo* – diz a mulher. – Mostre-me a sua caderneta.

Ele dá-lhe a caderneta. Ela examina-a e devolve-lha.

– Vou-lhe passar *un vale*, mas, quanto ao seu ramo de trabalho, é o senhor que tem de decidir.

– Por onde é que hei de começar? Tem alguma sugestão? Isto para mim é terreno desconhecido.

– Experimente as docas – responde a mulher. – Normalmente andam à procura de trabalhadores. Apanhe o autocarro número 29. Sai de meia em meia hora do portão principal.

– Não tenho dinheiro para autocarros. Não tenho dinheiro nenhum.

– O autocarro é gratuito. Todos os autocarros são gratuitos.

– E lugar onde ficar? Posso levantar a questão dum lugar onde ficar? A jovem que estava de serviço ontem, Ana, é como ela se chama, reservou um quarto para nós, mas não conseguimos ter acesso a ele.

– Não há quartos gratuitos.

– Ontem havia um quarto vago, o quarto C-55, mas a chave não estava no sítio. A chave estava à guarda da senhora Weiss.

– Não sei nada sobre isso. Volte logo à tarde.

– Posso falar com a senhora Weiss?

– Esta manhã há uma reunião do pessoal mais graduado. A senhora Weiss está na reunião. Volta à tarde.